

26 MAI 1991 *Educação*

O novo "guru" pedagógico

No Brasil, de tempos em tempos, aparece um guru aceito por muitos. Em plantão permanente, esse guia oferece soluções geniais para algum dos graves problemas nacionais. Na medida em que há muito tempo que a questão Educação não é levada a sério neste país, a lista de gurus eleitos para o setor cresceu muito. Anos atrás, pontificava-se a salvação da educação brasileira pelo ensino profissionalizante ou, então, pela revolução — produto das "palavras geradoras". Agora, tudo isso é passado, porque chegou a hora do guru da argamassa. A salvação do Brasil se fará pela promessa de construção de quantos Cieps — de primeira ou de segunda geração, pouco importa — forem necessários até que esteja saciada a fome de publicidade oficial. E como o "pai da idéia" — parece gostar muito de tantos holofotes em sua direção — se sentiu no direito de avançar no terreno das sugestões pedagógicas.

Sem cerimônias, na presença do ministro da Educação, Carlos Chiarelli, o governador Leonel Brizola resolveu mais uma vez o problema educacional brasileiro: nossas crianças da primeira à oitava série não sofrerão mais com as "provas terríveis". Todas serão aprovadas automaticamente — ou serão "promovidas" como prefere o governador carioca —, sem interrupção, até o final do primeiro grau. Como bem sabe o mentor político dos Cieps, aluno feliz é aluno aprovado. Portanto, dê-se, por decreto, felicidade ao povo.

O ministro Chiarelli, presente no momento da sugestão, imediatamente elogiou a "fecundidade intelectual" do guru pedagógico. S. Exa. deveria ter elogiado também a coerência, porque esta não faltou à idéia de salvação educacional brasileira do governador Brizola. Quem confunde oferecer merenda escolar, um banho por dia e uma visita ao dentista por semestre com processo educacional que respeite as estrutu-

ras mentais do aluno (a fim de se construir de fato uma democracia de oportunidades) não conseguirá nunca compreender e respeitar a necessidade e a função da avaliação rotineira, para que se tenha um processo educacional sério. Quem faz deliberadamente uma confusão entre o formal — que em Educação quer dizer o quantitativo — e o essencial, ou seja, a qualidade do ensino ministrado, ter ou não provas, saber ou não se o aluno foi de fato educado, é o que menos conta.

Pode haver um símbolo maior da mentalidade escapista oficial que um outdoor pedagógico de concreto, com a garantia explícita de que, com oito anos de permanência, o diploma é direito líquido e certo?

Há na proposta de promoção automática um perigoso ingrediente antidemocrático. Educação é processo, e sua eficiência só se mede quando atende objetivos determinados. Fazer da escola só um depósito de alunos, mantidos vivos porque comem, é perenizar a estratificação social; oferecer escola que não ensina para os pobres, mas em compensação lhes dá comida, é uma posição elitista. Não é esse o caminho percorrido em nenhum país do mundo que já abraçou a modernidade. Será, porém, que o impasse brasileiro não é exatamente este: se fôssemos modernos, devido a uma Educação séria, não dispensaríamos, por inúteis, gurus de todos os tipos, até mesmo os pseudopedagógicos?

